

Formas livres e utopia anticolonial: a Universidade de Constantine de Oscar Niemeyer

Fernanda Teixeira

Orientação: Prof. Dr. Alexandre Benoit (Escola da Cidade)

Pesquisa: Iniciação Científica, bolsa do Programa de Iniciação Científica da Escola da Cidade, Escola da Cidade, 2023.

O presente artigo busca investigar a presença dos intelectuais e técnicos brasileiros envolvidos no projeto de Oscar Niemeyer para a Universidade de Constantine na Argélia, que se localiza ao leste da capital, próxima à fronteira com a Tunísia, concluída em 1969. Foram realizadas entrevistas com alguns desses agentes em busca de resgatar a memória, principalmente a partir da oralidade, e recolher registros e documentos de modo a ampliar o entendimento crítico dessa obra, cujo estudo é restrito se comparado com os edifícios feitos por ele na Europa, que são muito mais conhecidos e celebrados. A Argélia acabava de sair de uma guerra

pela conquista da independência, o que levava o novo governo a se afastar da influência cultural francesa, resultando, entre outras ações, no convite a Niemeyer para desenvolver uma série de projetos, sendo a Universidade de Constantine aquele de maior importância. O arquiteto, que vivia na França devido ao golpe militar no Brasil, viu nesse convite um meio de mobilizar intelectuais da Universidade de Brasília (UnB) exilados, indicando-os para formular o programa de ensino da nova universidade. Além disso, convocou engenheiros para conduzir o canteiro de obras, introduzindo na Argélia novas técnicas do concreto armado já desenvolvidas no Brasil.

Palavras-chave: Oscar Niemeyer; Argélia; Universidade de Constantine.

Free forms and anti-colonial utopia: Oscar Niemeyer's University of Constantine

This article seeks to investigate the presence of Brazilian intellectuals and technicians involved in Oscar Niemeyer's project for the University of Constantine in Algeria, which is located east of the capital, close to the border with Tunisia, completed in 1969. Interviews were carried out with some of those agents, seeking to recover the memory, mainly from oral sources, and collecting records and documents in order to expand the critical understanding of this work, whose study is comparatively restricted compared to the buildings he created in Europe. Algeria had just emerged from their independence war, and as a result, the new government sought to move away from French cultural influence, which resulted, among other actions, in the invitation to Niemeyer to develop a series of projects, including the University of Constantine, the one of greatest importance. The architect, who was living in France due to Brazil's military dictatorship, saw this invitation as a way of mobilizing exiled intellectuals from the Universidade de Brasília, appointing them to formulate the new university's teaching program, at the same time taking engineers to lead the construction site, introducing in the country new reinforced concrete techniques already developed in Brazil

Keywords: Oscar Niemeyer; Algeria; University of Constantine.

Formas libres y utopía anticolonial: la Universidad de Constantine de Oscar Niemeyer

El artículo busca investigar la presencia de intelectuales y técnicos brasileños involucrados en el proyecto de Oscar Niemeyer para la Universidad de Constantine en Argelia, ubicada al este de la capital, cerca de la frontera con Túnez, finalizado en 1969. Se realizaron entrevistas a algunos de estos agentes en busca de recuperar la memoria, principalmente de fuentes orales, y recopilar registros y documentos con el fin de ampliar la comprensión crítica de esta obra, cuyo estudio es comparativamente restringido en comparación con los edificios que realizó en Europa. El país acababa de salir de una guerra por la independencia, lo que llevó al nuevo gobierno a buscar distanciarse de la influencia cultural francesa, lo que se tradujo, entre otras acciones, en la invitación a Niemeyer para desarrollar una serie de proyectos, entre ellos la Universidad de Constantine, la de mayor importancia. El arquitecto, que vivía en Francia debido al golpe militar, vio en esta invitación un medio para movilizar a los intelectuales exiliados de la Universidad de Brasília, encargándoles de formular el programa docente de la nueva universidad, al mismo tiempo que llevaba ingenieros para dirigir las obras, introduciendo nuevas técnicas de hormigón armado desarrolladas en Brasília al país.

Palabras clave: Oscar Niemeyer; Argelia; Universidad de Constantine.

1. INTRODUÇÃO

E nessa contribuição [construtiva], que se expande e fortifica, nossa arquitetura assume aspectos mais radicais, desejosa de exibir a técnica mais apurada, de demonstrar o nível artístico e tecnológico do nosso País. Isso explica a fachada em curva da sede do P.C.F. [Partido Comunista Francês], em Paris, os vãos de 50 m e balanços de 25 m do edifício de classes da Universidade de Constantine, ou o grande auditório que com ele contrasta, como um grande pássaro de concreto. (NIEMEYER, 1976/77, p.40)

Após mais de meio século de colonização francesa e quase dez anos de guerra pela independência que gerou mais de um milhão de mortos, somada a um golpe de estado para a implementação de um socialismo que valorizasse a cultura árabe (CRUZ, 2016), a Argélia começa um processo de modernização econômica e social do país (HILDEBRANDO, 1990) paralelo à criação de uma nova identidade nacional.

Houari Boumediène assume a presidência em um momento em que o país caminhava em direção a um desenvolvimento industrial focado no petróleo e em outras riquezas minerais. Seu objetivo era fazer uma reestruturação na sociedade argelina que divergisse completamente do modelo francês instaurado até então, com base no resgate da língua nacional e transformação da mentalidade para criar uma unidade religiosa e social, estabelecendo o islamismo como a religião oficial e criando um Estado com grande controle sobre a economia. Para tornar possível seu projeto de país, instaurou diversas mudanças que visavam a modernidade e a reestruturação institucional. Ele enxergava a arquitetura como ferramenta crucial de modernização e desenvolvimento das cidades, queria que os princípios socialistas de seu governo fossem transformados em projetos construídos (ODDY, 2019, p.85). Até aquele momento, a arquitetura monumental na Argélia era relacionada apenas a símbolos de tradição cultural e religiosa voltados ao passado, mas a partir dos novos objetivos de construir uma nação voltada para o futuro, ciência e técnica, o presidente desejava que

tivessem monumentos que retratassem essa nova revolução argelina.

O país perdeu a maior parte dos seus profissionais qualificados com a independência, já que grande parte era de origem francesa e voltou para sua terra natal. Por esse motivo, a criação de universidades tornou-se uma das demandas mais urgentes para a capacitação da população e geração de empregos e mão de obra, com o objetivo de que não fossem mais dependentes dos europeus, especialmente dos franceses, para o funcionamento e crescimento da nação (SUSSEKIND, 2023). O crescimento do setor hoteleiro também era uma outra demanda imprescindível e o objetivo de incentivar o turismo era uma forma de acelerar a economia. Outros setores que estavam em urgência eram a construção de habitações populares e equipamentos sociais.

Nessa época, final da década de 1960, o Brasil vivia sob o regime militar. A Argélia, por ser um país com um governo não alinhado aos Estados Unidos, agregado a um histórico de colonização e guerra de independência, era muito aberto a receber militantes políticos exilados, especialmente de outras colônias na África que também estavam em processos de independência. Inclusive, muitos movimentos pela independência tiveram sua sede estabelecida no país, devido a sua política de integração com o continente.

Em função disso, inúmeros brasileiros exilados foram morar na Argélia, transformando o país em um local estratégico para a composição de redes transnacionais de oposição à ditadura (CRUZ, 2016). Esse contato se deu inicialmente pelo ex-governador de Pernambuco, Miguel Arraes, cuja trajetória na Argélia começa em 1965 após ser perseguido pelo Ato Institucional nº1 e ter ficado preso durante mais de um ano no Brasil. Arraes teve um papel fundamental em conseguir acolhimento e oportunidades para muitos brasileiros que chegavam, liderando, por exemplo, a Frente Brasileira de Informação, que conectava os brasileiros exilados pelo mundo, denunciando os acontecimentos no Brasil.

O governo brasileiro, em contrapartida, acompanhava atentamente as movimentações dos exilados a partir dos departamentos de investigação e da



FIG. 1:

Engenheiros no canteiro de obras da Universidade de Constantine com o bloco de classes ao fundo. Identificado apenas o segundo da direita para a esquerda, Abrahão Saliture. Fonte: Fotografia cedida por Cecília Saliture, 1970-1975.

colaboração de agentes diplomáticos brasileiros, franceses e norte-americanos (CRUZ, 2016). Em 1966, foi criado o Centro de informações do exterior (CIEEX), "um órgão específico para o monitoramento do que ocorria para além das fronteiras nacionais" (KREUZ, 2020/2021). Fernando Cabral conta, em entrevista e em sua tese (2003), sobre o dia que recebeu um jornal brasileiro, por meio de amigos, e dentro constava seu nome como uma pessoa a ser procurada e investigada, após a morte de Vladimir Herzog. Fábio Cruz comenta em sua tese (2016) que é possível encontrar documentos dessas investigações na Coordenação-Regional do Arquivo Nacional do Distrito Federal e no Instituto Miguel Arraes, que hoje em dia pertence à Fundação Joaquim Nabuco.

Miguel Arraes escolheu o país justamente por haver na constituição argelina um artigo que certifica que o país "receberá todos aqueles que lutam pela liberdade e sejam perseguidos" (CRUZ, 2016). Desenvolveu, então, uma relação próxima com o governo e começou a atuar junto a ele, sendo o principal responsável por manejar a presença brasileira lá. Devido a recente independência e o êxodo de profissionais capacitados, que eram de maioria francesa, era muito fácil conseguir empregos pela necessidade de mão de obra, em especial no setor da educação. Foram para a Argélia figuras como Leonel Brizola, que lecionou

na Universidade de Argel, e Almeri Bezerra de Melo, que trabalhou no Ministério da Agricultura da Argélia e organizou atividades de ensino a partir do método de alfabetização Paulo Freire.

Na mesma época, Oscar Niemeyer foi morar na França e tinha contatos com o Partido Comunista Francês (PCF), que por sua vez ainda mantinha relações próximas com a Argélia. Arraes não teve papel relevante em relação à aproximação do arquiteto com a Argélia. Este, a partir dos contatos com o PCF, foi chamado para projetar a Universidade de Constantine (CABRAL, 2023). Por outro lado, Sussekind (2023) acredita que, na verdade, a relação de Niemeyer com o país surgiu a partir da proximidade com Jean-Paul Sartre ou André Malraux, e que eles, por fazerem parte da esquerda intelectual francesa, tinham contato com Boumediene. Apesar do vínculo do arquiteto com movimentos políticos de esquerda, Fernando Cabral e Newton Arakawa afirmam, em entrevistas à autora (2023), que sua arquitetura em nenhum momento teve cunho ideológico.

Segundo os entrevistados, Niemeyer desenvolveu uma relação de amizade com o então presidente, o que favoreceu a realização de mais alguns projetos importantes, como a Universidade de Argel, que teve sua construção iniciada quando a Universidade de Constantine ainda estava sendo finalizada, e o Centro Esportivo, bem

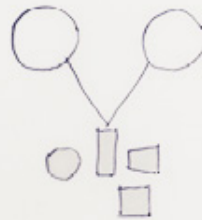
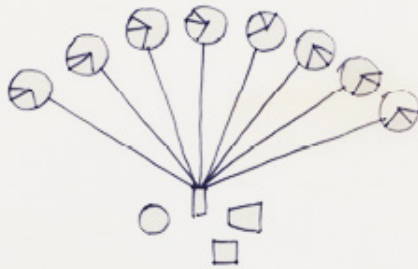
celas sont, dans l'ensemble, les caractéristiques de ce projet, qui visé à la centralisation des organes d'enseignement, évitant ainsi un nombre excessif de constructions, solutions onéreuse que l'on se doit d'éviter car elle multiplierait les nuis, les mouvements de terre, dénaturant les lieux et le paysage.

Le projet cherche à s'harmoniser avec l'architecture byzantine sans la copier, sans adopter d'une façon primaire ses éléments traditionnels, visant seulement à saisir le même esprit: les grands espaces pleins et les formes curbes, de ses coupes, niches, etc., en y ajoutant les nouvelles et inévitable conquêtes de la technique et de l'industrie contemporaines.

Pour les étudiants, le projet crée le climat de confrontation et de dialogue indispensable en les intégrant à d'autres disciplines, en les orientant, naturellement, vers les problèmes collectifs, vers les problèmes de ce pays plein de possibilités et d'espérance.

alg. 1.10.1958

Oscar Niemeyer



"En vez de dezenas de edifícios, apenas seis: bloco de classes, bloco de ciência, restaurante, auditório, biblioteca e direção. É a Universidade compacta, flexível, integrada."

Oscar Niemeyer.

FIG. 2:
Pranchas de apresentação
do projeto da Universidade de
Constantine. Fonte: Cedidas
pela Fundação Oscar Niemeyer.

como projetos não construídos como um Centro Cívico, uma Mesquita e um zoológico. Com essas demandas, o arquiteto abriu uma sede de seu escritório em Argel, coordenada pelo arquiteto Kurt Fonseca (codinome que Marcos Jaimovitch usou durante a ditadura).

Por se tratar de acontecimentos relativamente recentes na história, percebeu-se a importância de entrar em contato com os agentes ainda vivos que estiveram envolvidos de alguma forma nesses projetos. O método de entrevista, valorizando a história oral,¹ combinado com pesquisa de documentos em arquivos pessoais e públicos, foram considerados essenciais para melhor compreensão dos projetos e da situação política e social da época, especialmente por não terem muitos estudos em relação a essas obras de Niemeyer e também sobre o exílio brasileiro na Argélia. Em seu artigo, Débora Kreuz (2020/2021) reforça a relevância da memória oral para estudar esse tema. Ela se baseia em Pollak (1992), Portelli (1997) e Bourdieu (2006) para afirmar que são encontrados nos relatos pontos de contato, mas não experiências iguais, o que permite visualizar e compreender aspectos diferentes, por vezes antagônicos, embora o exílio seja fruto de uma política institucional da qual todos sofreram, sendo possível perceber a importância da memória enquanto fonte de estudo.

[...] a memória adquire uma centralidade indiscutível ao estudar o exílio enquanto espaço de interseção de horizontes culturais, formas e tomadas de consciência políticas, modalidades discursivas, ações e reflexões que se criam e recriam em um contexto assinalado pela perda dos até então referenciais da vida cotidiana. (YANKELEVICH apud. KREUZ, 2020/2021)

Nesse sentido, foi primeiramente realizado um levantamento de nomes de agentes que participaram dos projetos de Oscar Niemeyer na Argélia, seja do projeto arquitetônico, pedagógico ou de engenharia, e em um segundo momento foram feitas entrevistas com alguns deles, quando o contato foi bem-sucedido. Dentre eles temos: Fernando Cabral (arquiteto), José Carlos Sussekind (engenheiro) e Newton Arakawa (arquiteto). Com o objetivo de entender

as diversas visões e o projeto mais a fundo também foram realizadas conversas com pessoas que tiveram relação com o projeto, porém não de maneira direta, como Ciro Pironi (ex-diretor da Fundação Oscar Niemeyer), Cecília Saliture (esposa de Abraão Saliture, um dos engenheiros calculistas da Universidade de Constantine) e Zahra Hadji (arquiteta argelina formada na Universidade de Argel, em 2017).²

2. A UNIVERSIDADE DE CONSTANTINE E OS BRASILEIROS ENVOLVIDOS

A cidade de Constantine, que se localiza ao leste da capital, Argel, e próxima à fronteira com a Tunísia, era antes da ocupação francesa um polo cultural e intelectual muito forte. A cidade, mais antiga que Roma (CABRAL, 2003), foi construída em cima de um rochedo e tem uma topografia em formato de teatro de arena, ou arquibancada de estádio de futebol, tinha um terreno livre bem no centro, que abrigava um cemitério, e a implantação da universidade se deu no centro desse "teatro" (SUSSEKIND, 2023). A ideia era que a cidade voltasse a ser esse polo relevante com a construção da universidade (CABRAL, 2003), como indica Luis Marçal (apud NIEMEYER, 2007, p.105):

Do platô da obra, com seus edifícios e viaduto em concreto protendido, avista-se num mesmo alinhamento um aqueduto romano, a Casbah árabe, depois uma ponte de pedra com grande vão e em seguida duas outras pontes pênséis metálicas, do tempo dos franceses, cruzando o desfiladeiro que circunda a velha cidade. Uma aula de história da arquitetura.

O convite foi feito em 1967. Boumédiène explicou a Niemeyer o projeto de modernização econômica e social do país e sua grande expectativa, já o ministro de assuntos exteriores, Mohamed Benahya, insistia na necessidade de se concentrar na formação profissional ligada ao projeto de industrialização do país. Para isso, seriam construídas duas universidades, a de Constantine e a de Argel, por Niemeyer, e a Universidade de Oran, pelo arquiteto

Kenzo Tange, mas que não chegou a ser finalizada por ele. Enfatizou que os projetos submetidos a assessorias europeias tendiam a reproduzir os esquemas das velhas universidades francesas e que ele os tinha recusado, além disso, também queria se inspirar em outros países de terceiro mundo que tiveram projetos de afirmação nacional e modernização da sociedade, como o Brasil antes do golpe, razão do convite (HILDEBRANDO, 1990).

Com o início da ditadura, a Universidade de Brasília foi tomada pelos militares e a grande maioria dos professores foi obrigada a se exilar, não podendo ser finalizada e ocupada da forma como foi planejada. Segundo Luiz Hildebrando (NIEMEYER, 2007), na medida em que as universidades brasileiras se esvaziavam de valor, o exílio se enriquecia de intelectuais e cientistas competentes. Com o convite de Boumédiène a Niemeyer, o arquiteto vê uma possibilidade resgatar o sonho da universidade aberta de Darcy Ribeiro (NIEMEYER, 2000), em conjunto com seus colegas que também estavam em exílio. Para isso, cerca de uma centena de brasileiros, exilados e não exilados, se juntaram para colaborar com o projeto da Universidade de Constantine (NIEMEYER, 2007), que também contou com alguns professores locais na equipe. Para uma organização interna, esses que chegavam eram submetidos a um órgão presidencial chamado Comedor (Comitê Permanente de Estudo do Desenvolvimento da Organização e Planejamento de Argel), liderado pelo coronel Djelloul Khatib (CRUZ, 2016).

Os agentes envolvidos nesses projetos não eram apenas arquitetos, mas especialistas nas mais diversas áreas, tanto do Brasil como da América Latina. Aconteceram, também, múltiplos encontros com professores e políticos argelinos para melhor compreensão das demandas e para explicar as ideias e chegar em acordos. A discussão tinha como objetivo não apenas o projeto arquitetônico, mas a formulação do projeto pedagógico inteiro, já que, por a Argélia ainda estar se estruturando como nação independente, ainda não existia um plano de ensino para o país. O ministro e o presidente estavam preocupados em resolver não apenas a Universidade de Constantine, mas todo o ensino superior da Argélia.

O modelo que conheciam era o francês, e no momento estavam rompendo com toda a influência de seus colonizadores. Ubirajara Brito (NIEMEYER, 2007) explica que os argelinos se achavam condicionados aos modelos, sistemas, estruturas e cultura da antiga metrópole e, portanto, eram incapazes de imaginar uma universidade que fosse diferente, mais adequada aos seus anseios de rápido desenvolvimento, mais flexível, mais produtiva e mais econômica. Estava claro que os argelinos queriam algo diferente do modelo francês, mas não sabiam o que exatamente. As proposições arquitetônicas só começaram a ser elaboradas após o plano de ensino ter sido estruturado, por isso, devido à complexidade, foi um dos projetos que o arquiteto mais demorou para começar a desenhar (HILDEBRANDO *apud* NIEMEYER, 2007).

Procuramos contato primeiro com a brasileira do exílio. Havia entre eles os que tinham sido demitidos ou afastados das universidades no Brasil. Havia também os que, sem ter perdido o emprego, mas desgostosos da situação, ficavam pela Europa, em sabáticos intermináveis ou estágios prolongados. Havia um pouco de tudo: de matemáticos e engenheiros a bioquímicos e médicos. Quando não dispúnhamos de especialistas brasileiros, recorriamos a outros latino-americanos, argentinos principalmente, que não faltavam na França, e também a franceses, aqueles com quem nos identificávamos pela compreensão da problemática terceiro-mundista. (HILDEBRANDO *apud* CRUZ, 2016, p.95)

Nesse período, a discussão sobre universidades e métodos de ensino tomava conta de diversos congressos internacionais. Heron de Alencar, que tinha sido vice-reitor na Universidade de Brasília, foi uma das figuras-chaves na formulação do plano de ensino da Universidade de Constantine, sempre enfatizando a necessidade de a universidade não ser algo intocado e inacessível, mas dominar e coordenar as atividades culturais e científicas como modo de enfrentar questões políticas. O objetivo era criar uma universidade nacional que funcionaria como um dos centros de



FIG. 3:
Auditório da Universidade de Constantine em construção.
Fonte: Fotografia em slide cedida por Cecília Saliture, 1970-1975.

criação e estímulo e de planificação do desenvolvimento nacional, um dos motores de aceleração do progresso econômico e social da nação (NIEMEYER, 2007). Ubirajara Brito conclui que o projeto pedagógico para Constantine acabou sendo muito mais radical do que o projeto para a Universidade de Brasília, porque se enquadra numa realidade local e responde a uma demanda do momento histórico que a Argélia estava vivendo após a independência (NIEMEYER, 2007).

Ao requisitar a encomenda, Boumédiène apresentou a Niemeyer uma primeira ideia que já tinha sido esboçada de distribuir espacialmente a universidade em cerca de vinte edifícios, cada um destinado a um curso. Contudo, a premissa do projeto que a equipe brasileira pensou, inspirado na Universidade da Brasília, era criar um edifício único que juntasse todos os cursos em um mesmo volume, separando apenas salas de aula, laboratórios, auditório, administração, biblioteca e restaurante. Com a ajuda de Darcy Ribeiro,³ o arquiteto tentou traduzir o ideal de universidade unificada com apenas seis edifícios, apresentando um projeto que seguia as preocupações de integração dos alunos, redução de laboratórios repetidos e aproximação entre as diferentes áreas, promovendo uma maior integração criativa e cultural entre os alunos e professores. Desse modo, fugiam do modelo em que cada faculdade tem sua própria estrutura e que era usada apenas uma pequena parte do tempo (HILDEBRANDO *apud* NIEMEYER, 2007).

Com a redução dos edifícios, que foram situados nos limites do terreno, foi possível deixar um respiro para a criação de uma grande praça, como uma área aberta de descanso, que se destaca "com a sua arquitetura branca e monumental, na paisagem dramática de Constantine" (NIEMEYER, 2000, p.63), que de outro modo, teria sido inteiramente ocupada. O arquiteto observa que a concepção de universidade integrada, com grandes unidades funcionais, conduzia a estruturas mais monumentais, mais dispendiosas, em consequência (HILDEBRANDO, 1990, p.162).

Segundo Niemeyer (2007), com um número menor de edifícios, criou-se uma relação entre volumes e espaços livres que deu ao conjunto maior beleza, maior monumentalidade e contraste com a cidade no entorno, de modo que a arquitetura se fizesse importante. Niemeyer, ao simplificar as formas de seus projetos, estava indo na contramão do que estava sendo feito na arquitetura da época (MOUSSAQUI *apud* NIEMEYER, 2007). O desejo do arquiteto, segundo Ubirajara Brito (NIEMEYER, 2007), era que a arquitetura refletisse em si mesma as mudanças estruturais de ensino na universidade. O arquiteto também aproveitou essa oportunidade para mostrar o progresso da construção civil brasileira, com o uso do concreto armado, protensão e pré-fabricação (NIEMEYER, 2007, p.104), propondo, por exemplo, vãos de 50 metros e balanços de 25 metros no edifício de classes.

É por termos sabido, exaustivamente, aproveitar este material, que ocupamos

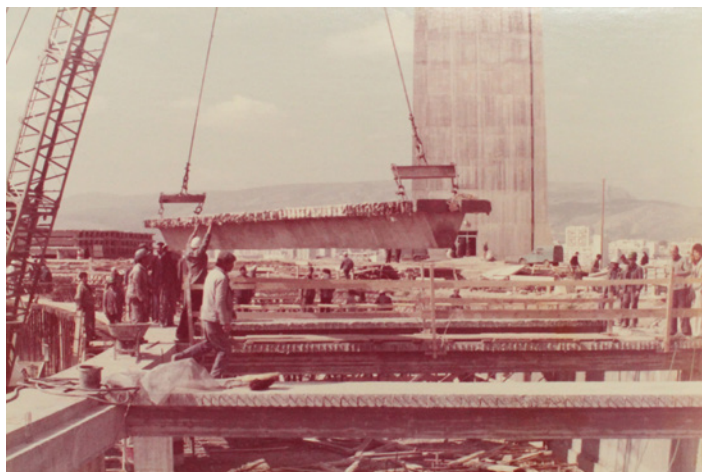


FIG. 4:
Peças de concreto pré-moldadas
construindo um dos edifícios da
Universidade de Constantine.
Fonte: Fotografia cedida por
Cecília Saliture, 1970-1975.

hoje posição de destaque no cenário mundial, detendo uma experiência muito palpável no projeto de construção em concreto. Como exemplo, podemos citar a Universidade de Constantine (Argélia), considerada – estrutural e construtivamente – inexequível por técnicos de nações altamente desenvolvidas e que foi – sem problemas – projetada e construída, com grande tranquilidade e segurança a partir do conhecimento, experiência e colaboração brasileiros. (SUSSEKIND, 1976/77, p.50).

Com a perda dos profissionais franceses, também se foram os engenheiros que já estavam acostumados a projetar no país, que é situado em uma região sísmica. Os argelinos, por sua vez, não tinham a experiência necessária, já que eram raros os que estudavam e tinham cargos de poder, sendo assim, em um primeiro momento chamaram engenheiros franceses para ficarem encarregados dos cálculos. Os franceses convocados não acreditavam que o projeto ficaria em pé e sugeriram estruturas espessas para sustentação do edifício, recusadas por Niemeyer, que escalou, então, uma equipe de engenheiros brasileiros, Projectum, que já trabalhava em conjunto no Rio de Janeiro, para essa tarefa.

Essa nova equipe, somada a alguns agregados, calculou estruturas mais finas como o arquiteto queria. A maior parte dos cálculos estruturais foram realizados pelo engenheiro Bruno Contarini, já o acompanhamento da obra se deu principalmente por Luis Marçal (NIEMEYER,

2007). Os engenheiros se instalaram no canteiro das obras e executaram junto com os argelinos as estruturas de concreto armado (MARÇAL *apud* NIEMEYER, 2007, p.106). Episódios de embates entre engenheiros europeus e Niemeyer foram comuns na carreira do arquiteto, como por exemplo na Itália, para a construção da Sede da Mondadori, em 1968, onde também houve desacordos (CABRAL, 2023).

A Universidade de Constantine é considerada pelo arquiteto um de seus melhores projetos (NIEMEYER, 2000). Nela, ele teve total liberdade para realizar a universidade por completo de acordo com o que acreditava ser mais coerente, desde suas concepções iniciais. Já a Universidade de Argel, que começou quando a de Constantine já estava sendo finalizada, teve que seguir demandas específicas, já que o país estava mais estruturado.

A mesquita foi o projeto que mais entusiasmou o arquiteto, porém, Boumédiène a considerou "revolucionária demais" (ODDY, 2019), por isso ela acabou não sendo construída. O episódio foi analisado por Samia Henni, a qual argumenta que Niemeyer visava uma revolução arquitetônica a partir da recusa dos ângulos retos, enquanto Boumédiène falava em revolução no sentido político, nos termos de romper com o colonialismo francês e encontrar um novo rumo (ODDY, 2019, p.32-45). Já o Centro Cívico chegou a ter sua construção iniciada, mas foi interrompida e nunca mais foi retomada (NIEMEYER, 2000).

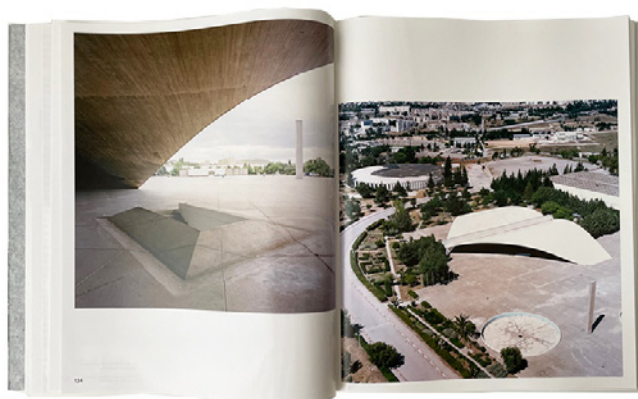


FIG.5:

Universidade de Constantine em 2012. Fonte: "The Revolution Will Be Stopped Halfway: Oscar Niemeyer in Algeria", do fotógrafo Jason Oddy, 2012.

O ministro Benahya chegou a comentar com Niemeyer a admiração que tinha em relação aos brasileiros por seu espírito militante. Luiz Hildebrando analisa o fato como uma reação nascida da frustração de impotência diante da ação militar contra as universidades, em particular a de Brasília, assim se tornando militantes da reforma universitária argelina (HILDEBRANDO, 1990). Pudemos constatar que, nessa época, a discussão das universidades era muito presente em diversos lugares do mundo, como revelam algumas edições das revistas *L'architecture d'aujourd'hui*, do início da década de 1970. Vários projetos de Niemeyer na Argélia foram divulgados nesta revista, em conjunto com outras obras importantes da época, dentre elas muitas universidades.

3. ENGENHARIA BRASILEIRA

As dificuldades para a construção desses projetos na Argélia eram imensas. Como já citada, a falta de mão de obra e

profissionais locais capacitados resultaram em uma oportunidade de chamar profissionais brasileiros para a participação. Para a realização da obra também foi chamada a Construtora Rabello, empresa de Marco Paulo Rabello, grande amigo de Oscar Niemeyer, que ficou responsável pela Universidade de Constantine e de Argel, e mais alguns projetos que não eram do arquiteto. Sua função era organizar a construção em conjunto com uma empresa argelina que não tinha experiência (SUSSEKIND, 2023). Foi possível encontrar em algumas revistas, como a Revista Módulo, propagandas da Construtora Rabello, e até da Projectum, usando a Universidade de Constantine com o slogan "A arte e a técnica brasileira na Argélia".

Sussekind, como cita em entrevista à autora, diz que costumava escrever diversos artigos para a Revista Módulo, por incentivo do próprio Oscar. No número 44, o engenheiro escreve um artigo sobre a evolução da engenharia no Brasil, e usa, dentre vários exemplos, a Universidade de Constantine. Segundo ele, foi devido a



FIG.6:
 Propaganda da empresa de engenharia Projectum com a Universidade de Constantine. Fonte: Revista Módulo n.44, dez./jan. 1976/77.

uma inteligente integração arquitetura-estrutura-construção que a arquitetura brasileira conseguiu expressivos resultados que souberam valorizar a estrutura em conjunto com a arquitetura.

Bloco de Classes da Universidade de Constantine

A necessidade de grandes espaços livres no pilotis, a fim de estabelecer uma comunicação visual global do mesmo com o conjunto da Universidade, impôs um vão de 50 metros e, para o bom equilíbrio da estrutura, adotaram-se balanços de 25 metros nas extremidades. A parede fachada foi tornada o elemento estrutural principal da obra, com altura total de cerca de 6 metros.
 [...]

Auditorium da Universidade de Constantine

Trata-se de uma casca cilíndrica com duas águas, apoiando-se, ao centro, no

pórtico representado sumariamente no corte x-x e, nas extremidades, com apoio corrido sobre o bloco de fundação. A peça especialmente arrojada da obra é o pórtico bi-rotulado, que recebe um painel de carga de cerca de 50 metros, vencendo um vão de 60 metros tendo sido, portanto criada no centro da casca, uma nervura invertida com cerca de 3,5 metros de altura. É de se ressaltar a grande elegância e funcionalidade da obra, que oferece uma área interna, inteiramente livre, da ordem de 3500 m². (SUSSEKIND, 1976/77, p.50).

O edifício de classes e o edifício de laboratórios foram considerados um dos mais emblemáticos e chamaram a atenção dos engenheiros franceses que se mostraram incrédulos com a estrutura (SUSSEKIND, 2023). Os dois possuem praticamente a mesma estrutura. Para conseguir vencer os grandes vãos e balanços, foram necessárias três grandes vigas no sentido longitudinal, não apenas de transição, mas que envolvem e definem

o espaço interno. Em diálogo com o projeto pedagógico, a ideia também era que a estrutura geral fosse independente das divisões internas, de modo que os espaços pudessem se adaptar às diferentes demandas. Hildebrando (1990) afirma que o objetivo era criar uma modulação que harmonizasse o presente e o futuro.

Os engenheiros franceses fizeram o cálculo estrutural de modo que as vigas tivessem 1,5 metros de espessura, quando Oscar contratou a equipe de brasileiros, fizeram o cálculo das vigas com apenas 40 centímetros. Com isso, foi possível que o edifício de classes trouxesse a sensação de edifício flutuante e que valorizasse a vista e desafogasse a praça (NIEMEYER, 2007, p. 20), já que é suspenso por pilotis – única diferença em relação ao prédio de laboratórios, que é colado no solo. A solução de um edifício aparentemente pesado e elevado do chão tinha surgido pela primeira vez em 1960, para o projeto do Museu da Universidade de Brasília (não construído), com desenho muito similar (CABRAL, 2003).

[a estrutura no edifício de classes] mais simples era impossível, era calcular uma viga transversal que se repetia centenas de vezes, e tinham os três paredões enormes que eram concretados in loco. Então, como é que era um jeito de dar bastante trabalho para a população local? Essas vigas eram absolutamente iguais, o vão delas era grandezinho, mas não era nenhum horror a proporção estrutural, fácil de resolver. Foram feitas pré-fabricadas, em um canteirinho no próprio lugar, e era repetir, fazer e repetir. (SUSSEKIND, 2023)

Outro edifício relevante é o auditório, que como todos os outros do conjunto também foi montado in loco. Possui uma leveza estrutural, de modo que contrasta com o prédio de classes que é mais robusto e imponente (NIEMEYER, 2007). Com sua forma de livro aberto, ou de pássaro levantando voo, o arquiteto inaugura o partido dos grandes espaços criados por meio de abóbadas que se apoiam numa grande viga de concreto, que ele já tinha esboçado na Oca do Ibirapuera, na Igreja da Pampulha, e retoma vinte anos depois no Memorial da América Latina (CABRAL, 2003): “Essas linguagens que ele vai retomando e

reelaborando, isso que eu queria mostrar na minha dissertação, de como ele pega, muda, refaz” (CABRAL, 2023).

Sussekind conta em entrevista que não foi ele quem concebeu a estrutura do auditório, mas foi responsável por seu detalhamento enquanto ainda era estagiário na Projectum (escritório de engenharia coordenado por Bruno Contarini, Mário Vila Verde e Carlos Fragelli). O auditório é composto por duas meias cascas, no qual o encontro entre elas não chega no chão. Para ter o vão livre necessário, chega em um pórtico e viga aparente, o mais esbelta possível, para conservar a sensação de estruturas leves. O engenheiro revela, também, que como a concretagem foi feita inteiramente no local, foi dada a ordem de encharcar o concreto durante três meses, para garantir que não iria trincar.

Para Sussekind, o desenvolvimento da engenharia e da arquitetura brasileira nessa época esteve diretamente ligado ao avanço em relação às tecnologias do concreto, devido a sua plasticidade e flexibilidade, possibilitando assumir qualquer forma, em conjunto com sua grande resistência. Essa técnica ainda não era usada na Argélia, era a primeira vez que esses trabalhadores entravam em contato com essas soluções (MARÇAL apud NIEMEYER, 2007), por isso a dificuldade em encontrar mão de obra especializada. Como comenta Newton Arakawa (2023), havia mão de obra, ainda que não houvesse técnica. Fernando Cabral (2003) afirma em sua tese que o começo da construção foi bastante complicado devido à falta de mão de obra qualificada, mas era um requisito do presidente Boumédiène que a maior parte dos trabalhadores fosse argelina.

Cecília Saliture cita (2022) a falta de confiança dos próprios argelinos, que no momento de retirada das formas de algum dos edifícios “estavam apreensivos que tudo caísse”. Por isso, lembra ela, um dos engenheiros brasileiros colocou seu próprio carro embaixo do prédio como meio de demonstrar que acreditava nos cálculos e também na mão de obra que o executou.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A arquiteta argelina Zahra Hadji conta, em conversa com a autora, que logo no primeiro ano de faculdade ensina-se sobre

o projeto da universidade e sua relevância, entretanto ele é explicado apenas do ponto de vista do momento político argelino. Ela não sabia da situação política que o Brasil vivia e nem da grande presença de brasileiros que foram para o país e se envolveram no projeto. Ademais, acredita que atualmente apenas arquitetos e estudantes da universidade têm consciência da história dos edifícios, já que ela, por sua vez, só aprendeu quando entrou na faculdade. A arquiteta afirma sem dúvidas que os desenhos executivos e as pranchas dos projetos devem estar guardados nos arquivos das universidades, assim como Fernando Cabral também comentou em entrevista, porém não foi possível entrar em contato para descobrir se realmente estão lá e se é viável ter acesso a eles. A Fundação Oscar Niemeyer possui apenas alguns dos desenhos escaneados e catalogados, entretanto têm algumas caixas não catalogadas que podem conter mais materiais. Por outro lado, o engenheiro Luis Marçal afirma que não havia plantas detalhadas, apenas plantas globais e estruturais (CABRAL, 2003).

Fernando Cabral teve a oportunidade de visitar a Argélia em 2014, e conta que visitou a Universidade de Constantine e constatou que as instalações se encontram do mesmo jeito que estavam quando saiu de lá, na década de 1970. Ou seja, não avançaram na segunda parte do projeto que constava a construção dos alojamentos para estudantes e do centro esportivo. Como visitou durante o período de férias letivas, o campus encontrava-se praticamente vazio, contudo, as instalações pareciam bem conservadas e funcionando. Depois da morte de Boumédiène todos os projetos de Niemeyer foram interrompidos, corroborando para as narrativas de que era o presidente que incentivava as obras do arquiteto no país (CABRAL, 2023). Também segundo esse relato, a Universidade de Argel parecia um pouco abandonada, mas funcionando.

É difícil compreender o momento político que a Argélia vivia naquele momento pós-independência e pós-golpe. Newton Arakawa diz em entrevista que não a considerava uma ditadura, mas um regime militar com partido único, com um caráter religioso e cultural. Segundo ele, era um regime forte, que dominava tudo, e progressista, porque estava trabalhando

pela construção do país, com a arabização. Na época, muitas mulheres iam para a universidade e andavam sem véu, elas eram valorizadas porque haviam tido um papel importante na guerra de libertação (CABRAL, 2003). Hadji afirma, mesmo não tendo vivido essa época, que o governo de Boumédiène foi uma ditadura, entretanto confirma que existia um viés progressista e que estavam caminhando nessa direção. A arquiteta conta, também, que após a morte do presidente, a situação política ficou muito enfraquecida devido à falta de consciência da população, especialmente em relação ao voto, por esse motivo que o Partido Islâmico acabou ganhando muita força e tomando conta do país, mudando as prioridades.

Ubirajara Brito comenta (NIEMEYER, 2007, p.103) que a presença brasileira na Argélia foi tão marcante e significativa durante as décadas de 1960 e 1970 que alguns argelinos mais afeitos à cultura e educação francesas deixavam transparecer o receio de que se estava substituindo o colonialismo francês por um colonialismo brasileiro, mesmo que o primeiro fosse mais exploratório e o segundo mais focado na cultura e educação. Em contrapartida, Fernando Cabral afirma que não via essa preocupação e que eram muito bem recebidos por todos do país.

Segundo o engenheiro Luis Marçal (NIEMEYER, 2007), aconteceu na Argélia um fato parecido com o que aconteceu durante a construção da cidade de Brasília: a mão de obra evoluiu. A partir dessa presença marcante de brasileiros em um país que acabava de se libertar de uma colonização agressiva e com uma educação escassa, foram possíveis trocas de conhecimento que proporcionaram que os argelinos aprendessem as novas técnicas apresentadas, como o presidente Boumédiène havia requisitado.

"A construção da Universidade de Constantine foi a primeira grande oportunidade que nosso país teve de exportar serviços e tecnologia", afirma Sussekind (2023), e mesmo que tenha sido realizado por exilados e militantes de esquerda durante o período ditatorial, foi muito benéfico para a imagem do Brasil. Brito (apud NIEMEYER, 2007, p.103) afirma que dificilmente se reunirá novamente um grupo de professores, cientistas e tecnólogos, competentes e abnegados, para

colaborar com um arquiteto na produção de uma obra “incomparavelmente harmônica, funcional e bela”.

Foi o projeto construído favorito de Oscar Niemeyer, ao mesmo tempo também, o que ele mais demorou para iniciar, por causa da complexidade de montar todo o programa pedagógico, em conjunto junto com diversos profissionais de várias áreas da educação, e só então pensar uma arquitetura que conversasse e seguisse os mesmos princípios (NIEMEYER, 2007). Entretanto, é possível considerar, como afirma Fernando Cabral (2023), que a Universidade de Constantine só existe como ela é devido a ditadura civil-militar brasileira e, em decorrência da Universidade de Brasília ter sido tomada pelos militares, com isso, Niemeyer e todos os intelectuais envolvidos estavam no exílio.

NOTAS

1. Conceituada por Paul Thompson, a história oral ganha força como método de pesquisa nos anos 1950, com o advento do gravador. No Brasil, esse método foi introduzido pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, que ampara estudos sobre o modernismo brasileiro.
2. As entrevistas foram realizadas, em sua maioria, em 2023. De maneira formal e informal, com conversas ao vivo, chamadas de vídeo e mensagens, com os agentes que se disponibilizaram a contar um pouco da sua relação com Niemeyer e a Universidade de Constantine. Foi também estabelecido contato com algumas outras pessoas que não responderam ou não quiseram conversar.
3. Darcy não estava na Argélia, estava exilado no Uruguai, porém a partir de trocas de correspondências encontradas na Fundação Darcy Ribeiro é possível perceber seu grande envolvimento na elaboração do projeto pedagógico da Universidade de Constantine se baseando nos planos originais da Universidade de Brasília.

REFERÊNCIAS

- ALFIERI, Bruno. João Vilanova Artigas: ricerca brutalista. *L'architecture d'aujourd'hui*, v.45, n.170-172, p. 97, 1973/1974.
- ARAKAWA, Newton. Entrevista concedida a Fernanda Teixeira. 2023.
- CABRAL, Fernando Frank. **A procura da beleza: aprendendo com Oscar Niemeyer**. 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- CABRAL, Fernando Frank. Entrevista concedida a Fernanda Teixeira. 2023.
- CRUZ, Fábio Lucas da. **Brasileiros no exílio: Argel como local estratégico para militância política (1965-1979)**. 2016. Tese (Doutorado) – Pós-graduação em história social, Universidade de São Paulo Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas, São Paulo,

2016. Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-04102016-125816/publico/2016_FabioLucasDaCruz_VCorr.pdf. Acesso em: 5 out. 2022.

HILDEBRANDO, Luiz. **O fio da meada**. 1. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

KREUZ, Débora Strieder. O exílio brasileiro na Argélia (1964-1979): breves notas para o debate. *Revista de la Red de Intercâmbios de Historia de América Latina Contemporánea*, Córdoba, ano 7, n.13, p.171-182, dez./maio 2020/2021.

MOTTA, Flavio. Introduzione al Brasile. *L'architecture d'aujourd'hui*, v.45, n.170-172, p.61-67, 1973/1974.

NIEMEYER, Oscar. Considerações sobre a arquitetura brasileira. *Módulo*, Rio de Janeiro, ed.44, dez./jan. 1976/1977.

NIEMEYER, Oscar. **Minha arquitetura**. 3. ed. [S.l.]: Editora Revan, 2000.

NIEMEYER, Oscar. *Módulo*, n.44, 1976/1977.

NIEMEYER, Oscar. Universidade de Constantine. *Módulo*, n.47, 1977.

NIEMEYER, Oscar. Universidade de Constantine. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ODDY, Jason. **The Revolution Will Be Stopped Halfway: Oscar Niemeyer in Algeria**. Nova Iorque: Columbia Books, 2019.

RIBEIRO, Darcy. **A universidade necessária**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

SALITURE, Cecília. Entrevista concedida a Fernanda Teixeira. 2022/2023.

SUSSEKIND, José Carlos. A evolução conjunta da Arquitetura e da Engenharia Estrutural no Brasil. *Módulo*, Rio de Janeiro, ed.44, dez./jan. 1976/1977.

SUSSEKIND, José Carlos. Entrevista concedida a Fernanda Teixeira. 2023.

TAVARES, Cristina; MENDONÇA, Fernando. **Conversações com Arraes**. Belo Horizonte: Vega, 1979.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: História oral**. São Paulo: Paz e Terra, [1998].

UNIVERSITÉS D'ALGER ET DE CONSTANTINE. *L'architecture d'aujourd'hui*, n.182-184, 1975/1976.

SOBRE A AUTORA

Aluna de graduação do curso de Arquitetura e Urbanismo da Escola da Cidade. Possui pesquisas no ramo da fotografia e questões de gênero, dentro e fora do campo da arquitetura.

fetavaresteixeira@hotmail.com